



# VI SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE ENSINO, EXTENSÃO E PESQUISA

UNIVERSIDADE, CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS:  
SUJEITOS, PRÁTICAS E POLÍTICAS PÚBLICAS

04 A 06 DE JUNHO DE 2024  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
CAMPUS VI - CAETITÉ

## BISAVÓ INDÍGENA, AVÓ LOICEIRA: DISCURSOS LETRADOS E PERTENCIMENTOS INDÍGENAS EM CAETITÉ-BA.

Carlos André Cotrim dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O estudo tem como objetivo, analisar os discursos de apagamento dos indígenas em fontes escritas e orais, e os modos de pertencimentos de alguns sujeitos da localidade de São Miguel. A abordagem é qualitativa, consistindo na coleta e análise de entrevistas orais, relatórios de campo, livros de memorialistas. A revisão teórica, contribuiu no entendimento de conceitos como; agencia e pertencimentos, e “índios misturados”. Constatou-se discursos de apagamento dos sujeitos indígenas em meio a sociedade caetiteense e, suas consequência para o pertencimento étnico na localidade de São Miguel. Recomenda-se, olhares e atitudes inclusivas para com os indígenas, o que passa empenho em conhecer essas pessoas, suas culturas e histórias.

**Palavras-chave:** indígenas; pertencimentos; discursos.

**Abstract:** The study aims to analyze the discourses of erasure of indigenous people in written and oral sources, and the ways of belonging of some subjects from the locality of São Miguel. The approach is qualitative, consisting of the collection and analysis of oral interviews, field reports, and memoirists' books. The theoretical review contributed to the understanding of concepts such as; agency and belonging, and “mixed Indians”. There were discourses of erasure of indigenous subjects in the midst of Caetiteense society and its consequences for ethnic belonging in the locality of São Miguel. Inclusive views and attitudes towards indigenous people are recommended, which requires commitment to getting to know these people, their cultures and histories.

**Keywords:** indigenous; belongings; speeches.

### Introdução

---

<sup>1</sup> Licenciado em História; Mestre em Ensino, Linguagem e Sociedade.  
[carlosandrecte16@gmail.com](mailto:carlosandrecte16@gmail.com)

Nesse texto, são apresentadas algumas das considerações feitas durante pesquisa de Mestrado, quando pesquisei meus familiares residentes na localidade de São Miguel, município de Caetité-BA.

Conforme narravam, “nossa bisavó, eram uma mulher indígena pega no mato a dente de animal.<sup>2</sup>” Entretanto, quando falam da nossa avó, Joana<sup>3</sup>, narram esta última enquanto percursora dos saberes e fazeres com o barro, e a classifica enquanto uma mulher “Loiceira”.<sup>4</sup>

A pesquisa é um anseio pessoal, enquanto cidadão e pesquisador interessado em saber das minhas origens familiar, e oportuna para outras pesquisadoras e pesquisadores, interessados em estudar a presença indígena na região Alto Sertaneja.

Analisando as fontes fontes orais e ‘oficiais’, notei que, informavam os indígenas na condição de passado, supostos discursos de apagamento desses sujeitos. A análise, permitiu evidenciar discursos de apagamento desses sujeitos no município de Caetité-BA.

Analisar os discursos de apagamento dos indígenas em fontes escritas e orais, e os modos de pertencimentos de alguns sujeitos da localidade de São Miguel, foi a pretensão na pesquisa.

## **Revisão teórica**

De acordo com (Pacheco de Oliveira, 2016), as populações indígenas que viviam nas terras da atual região Nordeste do Brasil, forçosamente viverem outras realidades durante e após a colonização. Situações, administrativas, geográficas, políticas, culturais, étnicas decorreram dessa invasões e dos encontros sociais e culturais com não indígenas.

Mesmo durante e após o século XIX, o projeto de Estado imperial e republicano excluía os indígenas, objetivando legitimá-los como pessoas sem direito a terra, a etnia, a cultura e memórias.

O argumento difundido era que a “miscigenação”<sup>5</sup> descaracterizou grande número de indígenas, não podendo ser vistos como tal. Para Pacheco

---

<sup>2</sup> D. Fernandes.

<sup>3</sup> In Memória.

<sup>4</sup> Denominação familiar.

<sup>5</sup> Termos presente em “Carneiro da Cunha (1992).

de Oliveira (2016), a realidade de alguns indígenas do Nordeste é de “Índios misturados”, porque esses sujeitos absolveram práticas culturais, comportamentos, denominações que alargou suas diversidades.

Entretanto, essa diversidade indígena é historicamente negada ou silenciada pelo Estado Nacional, e tem seus desdobramentos regionais. No Sudoeste da Bahia, (Oliveira, 2012), (Nascimento, 2021), (Matos, 2021), e (Santos, 2024), constataram isso no município de Vitória da Conquista, Jequié, Rio de Contas e Caetité.

Em ambos os casos, os indígenas são negados e silenciados por meio de violências, como os extermínios, silenciamentos étnicos e culturais, e a tentativas de apagá-los das memórias oficiais. Essa última ação, é desencadeada sobretudo a partir do século XIX, contando com apoio do Estado nacional e indiretamente impetrada por intelectuais, cientistas, escritores, políticos, entre outros.

Conforme ensina os autores supracitados, na região Sudoeste essa diversidade esteve longe de ser negada, porque os sujeitos indígenas mobilizaram outros pertencimentos. Trabalhadores rurais, meeiros, vaqueiros, católicos entre outros.

## **Metodologia**

De início, a pesquisa procedeu com a coleta de entrevistas orais e produção de um relatório de campo na localidade de São Miguel. Posteriormente, leitura e fichamento de quatro livros de memorialistas locais, busca e coleta no Jornal A Penna<sup>6</sup>, leitura e seleção do referencial bibliográfico.

A coleta documental, reuniu fontes oriundas da oralidade de São Miguel, e outros registros escritos, localizados no Arquivo Público Municipal de Caetité e em Bibliotecas deste município.

Trata-se de um estudo qualitativo, onde buscou compreender através das fontes, significações atribuídas por diferentes sujeitos e seus pontos de vista quanto aos indígenas no município de Caetité. Motivos, aspirações,

---

<sup>6</sup> Jornal de circulação em Caetité na segunda metade do século XIX e primeira metade do XX.

valores, ideias, foram identificadas e problematizadas a luz do referencial bibliográfico.

## **Resultados e Discussões**

Na Localidade de São Miguel, as narrativas colocam suas ancestralidades na condição de passado. “Minha bisavó era índia, pega no mato a dente de animal”, “a gente é parente de índio”, “eles vieram de um lugar, esqueci o nome, cipó, uma coisa assim”, “a descendência aqui é essa”, “esse negócio de fazer loiça é coisa antiga, vem desde nossa bisavó”.<sup>7</sup> Ou seja, narram enquanto parentes do passado.

Foram analisadas em meio a literatura memorialista de Caetité, algumas informações as quais trazem perspectiva de que os indígenas da região ficaram no passado, como podemos conferir a seguir.

Era um aglomerado de pequenos sítios, fazendas e engenhocas, com casas à margem dos caminhos. Diversos padres portugueses aí vivam, dedicando-se à catequese dos índios Tupinaens e Patachos que habitavam a região. Não eram índios Caetés de onde teria vindo o nome de Caetité, como confessou João Gumes: “a ampliação desse erro fui eu próprio o culpado, pois quando o Dr. Francisco Viana, em 1892, Diretor do Arquivo Público da Bahia, incumbido pelo governo de escrever seu precioso livro “memórias sobre o Estado da Bahia”, teve necessidade de informações dos municípios e, como outros, dirigiu-se a este, sendo eu, como Secretário do Conselho, encarregado de responder o seu pedido, cometi o erro palmar de afirmar que Caetité foi uma antiga aldeia de índios Caetés. Tudo que se vê sobre Caetité naquele livro foi dado por mim que incorri dest-arte para a voga que foi dada desde então a essa errônea origem do nome de minha terra. (Santos, 1996, p. 11-12)

A autora chama atenção para a presença de Tupinaens e Patachos, mas os coloca na condição de passado. No segundo caso, por intermédio de João Gumes, aponta os Caetés enquanto erro inaceitável às origens do nome de Caetité. Em ambos os casos os indígenas são colocados no passado.

Analisando na íntegra o documento escrito por João Gumes, temos a percepção de que as memórias acerca dos indígenas vão para a condição de passado. Reproduzo um trechos a seguir.

Ayres do casual dava-nos Caiteté como uma antiga aldeia de cahetés e buscava se nisso para afirmar que, o nome vinha d’ahi. Firmados nessa auctoridade, pediram da nossa capital, ao

---

<sup>7</sup> Informações orais disponível em Caderno de Campo do pesquisador. Anos 2019-2021.

município informações sobre Caetité, para figurarem nas memórias históricas da Bahia. Incumbido de redigil-as, encaminhamos ligiramente a questão, e achamos, para explicação das duas últimas syllabas do nome, a pluralização do nome do incola (ou silvícolas) que considerávamos ter aqui o seu habitat. (Instancia 0003309 /02/12/1926. A PENNA N<sup>a</sup> 404.)

A “correção”, como chamou o redator de o A Penna, é uma tentativa de disponibilizar outras versões acerca das origens de Caetité. O teor do documento, sustenta essas memórias com documentos coloniais.

Em lugar de narrativas inclusiva acerca da presença indígena e suas influências, chamadas em seus escritos de “Casuais”<sup>8</sup>, foi substituídas por referências documentais e tidas como seguras. Que são nítidas explicações oriundas do colonizador.

Os discursos sustentados em influências do colonizador, está presente também em memorialistas, seguem uma linha evolucionista, destacando avanços materiais, econômicos e sociais em uma perspectiva seletiva. Isso pode ser conferido na passagem seguinte.

O bom senso, a harmonia entre os responsáveis pela administração pública e política sempre conciliatória que predominava em Caetité, levaram-na a ser considerado um paradigma na região, atraindo para o seio homens de alto gabarito e que constituíram a sua base e dariam dessedentes que viriam a ser a falange de homens, instruídos, dinâmicos que os em todos os setores de ação política, com o mesmo vigor e a mesma linha de conduta. (Lobão Gumes, 1974, p. 17).

Os argumentos localizados nesses fontes, denunciam o racismo que a sociedade local pretendeu/pretende contra indígenas. Indicativos para percebermos o quanto essas populações foram silenciadas devido a condição étnica e a ênfase dada a outros sujeitos e condutas sociais.

As memórias com relação aos indígenas, diante das fontes orais e as demais, enfatizam a condição de passado. O cenário de negação, certamente influenciam nos pertencimentos e identidades indígenas, essas populações podem ter optado por não se manifestarem como indígenas, diante de sociedades que os negaram.

Diante das explicações apontadas por, (Oliveira, 2012), (Matos, 2021), (Nascimento, 2021) e (Santos, 2024) os indígenas, estão vivendo em áreas rurais e urbanas. Se informando enquanto “Paneleiros”, “Loiceiras”, Católicos,

---

<sup>8</sup> (Instância 0003309 /02 /12 /1926.)

camponeses e outras denominações e modos particulares de se ver como pessoas.

### **Considerações Finais**

Constatou-se na documentação estudada, a condição de passado historicamente atribuída aos indígenas em Caetité, o que denuncia tentativas de silenciamentos étnicos, contribui para o anonimato desses sujeitos. As consequências são para as identidades, na localidade de São Miguel, se estendendo a outros sujeitos, com o relaxamento do direito as histórias indígenas, a políticas públicas, a etnia. Tudo isso justificado pela invisibilidade e ignorância acerca da diversidade indígena.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Introdução a uma história indígena**. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org.). História dos índios no Brasil. São Paulo: companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura. FAPESP, 1992.

GUMES, Marieta Lobão. **Caetité e o Clã dos Neves**. Mensageiro da Fé. Salvador. 1975.

MATOS, Márcio Santos. **“Meio índios”, “meio negros”:** Etnicidade e pobreza em Rio de Contas. Salvador, 2021.

NASCIMENTO, Washington Santos. **Os Karri-Sapuyá da Aldeia de Santa Rosa em Jequié: Histórias e lutas atuais**. NASCIMENTO Washington Santos. Antônia Onça e o Mestre em amansar brancos: trajetórias e saberes indígenas e africanos no sertão da Bahia. Rio de Janeiro. Autografia, 2021.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorial e fluxos culturais**. In: OLIVEIRA, João Pacheco de. (Org) O nascimento do Brasil e outros ensaios: “Pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades. Rio de Janeiro: Contra capa, 2016.

OLIVEIRA, Renata Ferreira de. **Índios paneleiros no planalto da Conquista: do massacre aos dias atuais**. Salvador, 2012. Dissertação.

SANTOS, Carlos André Cotrim Dos. **O pertencimento familiar das “Loiceira” na localidade de São Miguel e outras possibilidades para o ensino de Histórias e culturas indígenas no Alto Sertão da Bahia - Caetité**, 2024 Dissertação.

SANTOS, Helena Lima. **Caetité, pequenina e ilustre**. Tribuna do Sertão. Brumado. 2ª ed.,1997